

A Póvoa do Mar nas Aguarelas do

José Peixoto

Talvez porque o mar seja uma aguarela na vida dos poveiros, Rui Calafate semeou pelas paredes de uma vida todos os motivos e tradições poveiras, em encantadoras aguarelas: “pintei centenas de quadros, não tantos como devia. Mas a arquitectura roubava-me muito tempo. Também cheguei a pintar a óleo. Um dia conheci o pintor Adelino Ângelo que me disse que gostava muito dos meus desenhos, mas que tinha pouco jeito para pintar a óleo, concordei. As aguarelas sempre me fascinaram pela certeza do traço e pela dificuldade de correcção. A minha obra anda por aí agarrada às paredes de casas de amigos e desconhecidos. Perdi o rasto à maioria”.

Rui Cesariny Calafate nasceu na Póvoa de Varzim, em 1933. Licenciado em Arquitectura pela Escola de Belas Artes do Porto, criou imensos projectos dos quais se destacam, o Hotel Vermar e o primeiro Café Enseada, mas revela: “nunca gostei de arquitectura mas tinha que ganhar a vida. Gostava de desenhar e cantar tan-

gos. Sempre fui um grande admirador da voz de Carlos Gardel. Gravei alguns discos com Orquestra de Tangos. Cheguei a cantar no Teatro Nacional D. Maria II, e no Palácio dos Desportos na Praça Eduardo VII. Fui também muitas vezes cantar a Espanha, França e outros países”.

Segundo o artista, a vontade de desenhar nasceu-lhe na idade de brincar: “tinha oito anos quando fiz a minha primeira exposição. Foi na rua da Silveira onde morava. Eram animais pintados em cartão. Ninguém comprou nada mas a vizinhança deu muitos parabéns ao menino. Já com 15 anos, no antigo café Póvoa Cine, fiz uma exposição de caricaturas de personagens e de figuras poveiras. Facturei 200 escudos (1 euro) com a venda dos quadros. Foi um êxito para os meus bolsos. Na universidade ganhava umas coroas a fazer caricaturas de estudantes para os livros de curso. As exposições acabaram por ser o passo natural de quem ama a pintura”. E recorda um encontro de pintores modernistas de todo mundo no

Salão Teatro do Casino da Póvoa, nos anos 1950: “o responsável pela organização foi o vereador do Turismo, professor Fernando Barbosa. Quando faltava dois dias para a exposição, foi a minha casa com o pintor Júlio Resende e convenceram-me a participar. Como não tinha nada que se visse, passei o dia e a noite inteira a fazer cinco desenhos grandes a guache sépia, sobre a Póvoa e os pescadores. Vendi-ostodos”.

Rui Calafate explica as razões que o levam a retratar as figuras poveiras: “na minha infância, os filhos dos pescadores eram da minha seitinha. A sua cultura era feita de naturalidade. A intensidade das brincadeiras das crianças projecta-se na Praia do Peixe, nos barcos e no cais. Eu mesmo vivi aquela vida que aparece nos meus quadros”. E acrescenta: “o quadro que hoje pode ser visto na Biblioteca da Póvoa, onde estão representados cinco das mais importantes personalidades poveiras, Gomes de Amorim, Vasques Calafate, Santos Graça, Cego do Maio, Eça de Queirós e Ro-



Rui Calafate

cha Peixoto, foi também uma ideia do Fernando Barbosa que sabia da minha alma bairrista. Sempre gostei de caricaturar e fazer retractos. Mas há coisas que a vida nos oferece que mais tarde acabam por aparecer numa tela. Estou a lembrar-me de um quadro, penso que está na Biblioteca, que representa um homem a ser torturado pela PIDE. Era ainda um jovem, trabalhava com o arquitecto Ar-

ménio Rosa. Participei numa manifestação na rua Passos Manuel, no Porto. Quando a polícia apareceu, uma senhora abriu uma porta e entrei com um grupo. Mas a PIDE entrou na casa e apanhou-nos no corredor”. E conclui: “a arte sempre conviveu com a liberdade de pensamento. Por isso, acrescentaria que na pintura como na vida a última pincelada é sempre nossa”.



Escultura



Vasques Calafate

Arquitecto Rui Cesariny Calafate



Parede dos Artistas



Rui Calafate e Paulo Calafate



Personalidades Poveiras



A Pele do Sol



Zulmira Calafate



Amores de Verão